

# Luiz Roberto Salinas Fortes (1937-1987)

---

BENTO PRADO JR.

Em agosto de 1987, Luiz Roberto Salinas Fortes falecia, aos 50 anos, vítima de um fulminante infarte cardíaco. Colegas, amigos, alunos e antigos alunos, ninguém que conhecesse o Salinas de então, poderia adivinhar o evento. Não estava ele, de todos os modos pensáveis, melhor do que jamais? Parecia finalmente pacificado, reconciliado consigo mesmo e com o mundo, após as duras experiências que lhe foram reservadas pela Ditadura. Alegria, produtividade multiplicada, tais eram os sinais de uma fase feliz que coincidia — talvez não por acaso — com a iminência da publicação de suas memórias, essa purgação ou catarse do terror do tempo passado. E, no entanto, como bem observou Antonio Candido,<sup>1</sup> esse refletido ajuste de contas com o passado, que nada tinha de passional, girava, também, em torno do futuro atencipado. Não teria a pacificação, a reconciliação com o passado, alguma cumplicidade com essa antecipação? Se assim for, a morte precoce não será incompatível com a idéia do cumprimento de um belo destino, isto é, forte o suficiente para domar até a mais extrema adversidade.

De qualquer maneira, perdemos um companheiro exemplar e a curva de uma obra é inesperadamente interrompida. Ninguém poderá prolongar a linha de sua leitura da obra política de Rousseau, que aprendemos a admirar, na sucessão de suas teses. Na primeira, são resolvidos problemas clássicos da interpretação do pensamento político de Rousseau e demonstrada a coerência de sua teoria, a despeito da

(1) No Prefácio ao *Retrato Calado*, de Salinas, publicado postumamente pela Marco Zero, São Paulo, 1988, p. XIII.

aparência de contradição entre o radicalismo do *Contrato* e o tom algo conciliador das propostas concretas para a Polônia e para a Córsega. Na segunda, é realçada a importância da idéia de “teatro” ou de “encenação” (a não ser confundida com a mera “representação”) na ética e na política de Rousseau: é preciso algo como um cenário material disposto com sabedoria, para reconduzir a alma à virtude (o “materialismo do sábio”) e a cidade à justiça (a festa política que deve substituir o teatro existente no mundo moderno, e que estava ainda embutida na tragédia grega).

São intuições particularmente reveladoras, que me fizeram desistir de completar meu livro sobre Rousseau, com a parte prevista sobre retórica e política, por encontrá-la exposta com mais competência nas páginas já escritas por Salinas. Sendo definitivas, essas páginas faziam antever toda uma reflexão que não se limitava apenas à história da filosofia, e que envolvia as aporias da democracia em nosso País. Não é verdade que os últimos cuidados teóricos de nosso colega estavam voltados para a Constituinte, então em curso?

Leitor de Rousseau, Luiz Roberto Salinas Fortes foi capaz de ser, ao mesmo tempo, *bom* e *virtuoso*, vencendo as tensões que opõem esses termos, tal como foram definidos pelo Cidadão de Genebra. Linguagem e definição certamente extemporâneas, mas que devemos utilizar, acolhendo seu exemplo, tanto mais necessário quanto rememorador da velha aliança entre a filosofia e a ética (ou a esperança), nem sempre lembrada nos dias de hoje.